

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

Luciana Sirimarco Silva

**Estéticas do Cotidiano:**

Memórias Afetivas

Juiz de Fora

2019

Luciana Sirimarco Silva

ESTÉTICAS DO COTIDIANO: Memórias Afetivas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Ensino de Artes Visuais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Oliveira Caetano

Juiz de Fora

2019

## **ESTÉTICAS DO COTIDIANO: Memórias Afetivas**

Luciana Sirimarco Silva<sup>1</sup>  
Orientação: Renata Oliveira Caetano<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Licenciada em Arte pelo CES –Centro de Ensino Superior. É professora na E.M. Lucy de Castro Cabral – Matias Barbosa -MG desde 2018.

<sup>2</sup> Doutora em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da UERJ. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFJF. Especialista em Arte Cultura Visual e Comunicação (UFJF). Licenciada e Bacharel em Artes pela UFJF. É professora do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora desde 2010.

## **Resumo**

A proposta deste trabalho é abordar a relação entre o conceito de estética do cotidiano e a multiculturalidade no ensino da Arte, através da metodologia do sensível. Instigando o aluno para sensibilização da apreciação e a valorização das leituras estéticas do mundo e por meio delas, reconhecer suas heranças culturais como referência de quem são. Além de estimular e sensibilizar os educandos a valorizarem a produção dos “fazeres especiais” – O fazer norteado para o sensível.

**Palavras – chave:** Estéticas do cotidiano. Memórias afetivas. Educação do sensível.

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 – SOBRE A ESCOLA E AS AULAS DE ARTE.....</b>	<b>8</b>
<b>3 – CAMPO DE ESTUDO.....</b>	<b>9</b>
<b>4 – DESENVOLVIMENTO DAS AULAS.....</b>	<b>10</b>
<b>5 – INTERVENÇÃO ARTÍSTICA.....</b>	<b>19</b>
<b>6 – CONCLUSÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>7 – REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é apresentar uma intervenção pedagógica que teve como princípio elementar o foco na valorização da cultura popular. A ideia era sensibilizar os alunos para a importância de conhecer as raízes da própria cultura por meio da estética do cotidiano. A conexão com o passado é possível por meio das histórias afetivas dos objetos familiares. Isso é de suma importância para a formação de suas identidades. Conhecer e preservar as raízes culturais e familiares para mais tarde transmitir esses conhecimentos às gerações futuras, perpetuando assim a memória familiar.

A proposta foi inspirada em uma apresentação ocorrida durante o Seminário de Ensino da Arte e Formação Estética de 2014 aos participantes do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Vale do Itajaí. A metodologia em questão era o relato da experiência “Costuras Estéticas: o cotidiano no ensino da Arte” de Elza Aparecida de Oliveira, Aline Amaral de Freitas e Andréia Regina Bazzo. As autoras abordaram a relação entre o conceito de estética do cotidiano e a multiculturalidade no ensino da Arte, além da importância de estimular e sensibilizar os sujeitos a valorizarem a produção dos “fazeres especiais”, que para elas corresponde ao fazer norteado para o sensível.

A metodologia do sensível foi aqui aplicada a três grupos da EJA – Educação de Jovens e Adultos - uma turma de sexto, uma de sétimo e uma de oitavo ano, cuja trajetória constituiu-se de apresentações de vídeos e textos abordando as potencialidades dos trabalhos manuais encontrados em vários segmentos da arte; incentivo à pesquisa e “garimpo” de peças guardadas com valor afetivo; uma roda de conversa para a apresentação dos objetos selecionados pelo aluno e culminância das ações com intervenção artística na escola. Considerou-se que estudar a estética do cotidiano pressupõe intervir de forma reflexiva no olhar, nas percepções dos educandos sobre objetos até então simples e desvalorizados, todavia carregados de afetividade e de cultura, conforme o valor semântico do vocábulo intervenção:

<sup>3</sup> (...)ação sobre algo, que acarreta reações diretas ou indiretas (...);alteração do estabelecido; interação, intermediação, interferência, incisão, contribuição - podemos destacar alguns aspectos que singularizam essa forma de arte: a relação entre a obra e o meio (espaço e público), a ação imediata sobre determinado tempo e lugar, o intuito de provocar reações e transformações no comportamento, concepções e percepções dos indivíduos,

---

<sup>3</sup> In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Acesso em: 06 de Mai. 2019.

um componente de subversão ou questionamento das normas sociais, o engajamento com proposições políticas ou problemas sociais, a interrupção do curso normal das coisas através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica, do estranhamento. “(...)ação sobre algo, que acarreta reações diretas ou indiretas (...); alteração do estabelecido; interação, intermediação, interferência, incisão, contribuição - podemos destacar alguns aspectos que singularizam essa forma de arte: a relação entre a obra e o meio (espaço e público), a ação imediata sobre determinado tempo e lugar, o intuito de provocar reações e transformações no comportamento, concepções e percepções dos indivíduos, um componente de subversão ou questionamento das normas sociais, o engajamento com proposições políticas ou problemas sociais, a interrupção do curso normal das coisas através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica, do estranhamento.

O objetivo dessa intervenção artística é despertar para a importância de reduzir o nosso ritmo e, assim, “sentir” o mundo; experienciando o valor estético do cotidiano por meio dos relatos e das “heranças” afetivas dos objetos “garimpados” no meio familiar dos alunos e fazer com que se sintam sujeitos atuantes na transformação do meio ao qual estão vinculados e serem reconhecidos como parte integrante do âmbito escolar.

A EJA é uma modalidade de ensino desafiadora, pois é composta por um público muito diverso, com interesses distintos e idades diferenciadas. Nota-se uma lacuna tanto entre os jovens quanto nos adultos na disciplina de Artes: a desinformação artística e, conseqüentemente, a falta de sensibilização para perceber a estética, a subjetividade e a não valorização dos fazeres do cotidiano. Pressupõe-se a importância da introdução na disciplina de Arte do conceito de estética implícito no cotidiano e sua ampla gama de estudos. Comungando das concepções do estudioso Duarte Junior<sup>4</sup> (2010) compreende-se que a sensibilização estética do dia a dia potencializa a conexão com mundo, possibilitando que nos percebamos sensivelmente humanos.

A palavra “estética” tem origem do termo grego “estesia” que significa percepção de sensações. Duarte Junior descreve “estesia” como uma “relação sensível com o mundo”, sendo o seu oposto a “anestesia” ausência de sensibilidade. Para Duarte Junior, a conexão corporal e sensível com o mundo é também um fator estético. Dessa forma, o aprendizado consiste em uma educação estética e artística. Na esteira das ideias do autor, é atual e emergente defender a importância da estética na educação, urge acreditar que as ações e os sentimentos precisam estar conectados promovendo um equilíbrio e coerência entre o sentir, o pensar e o agir diário para melhor sobrevivermos.

---

<sup>4</sup> Duarte Junior foi pesquisador e professor do Instituto de Artes da Unicamp. É autor de vários livros abordando a formação estética e dos sentidos, além de sua relação com os processos educativos.

A Estética do Cotidiano proporciona um vasto campo para as práticas pedagógicas. Ao expor esse tipo de visualidade para os alunos, se torna possível destacar o momento histórico no qual foi idealizada, o lugar de origem de vários tipos de objetos e a forma como foram manufaturadas. Além disso, é possível estabelecer uma aproximação entre os sujeitos e as suas origens, desvendando os mistérios e histórias por trás dos objetos, fotografias, receitas e outros. Conseqüentemente, isso faz com que os discentes aprendam sobre a cultura familiar e local de uma forma lúdica e estética/estésica, sensibilizando-os para os fazeres simples e diários.

## **SOBRE A ESCOLA E AS AULAS DE ARTE**

A escola onde leciono há um ano se situa no centro da cidade de Matias Barbosa em Minas Gerais. Trata-se de uma instituição pública municipal que abrange da educação infantil ao sexto ano do fundamental II e a Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Há dez anos, o prédio da escola foi demolido e reconstruído a partir de um projeto contemporâneo em estrutura metálica e concreto armado. Além das escadas, comporta extensas rampas para acesso aos quatro andares. Ao todo são dezesseis salas de aula, uma sala de informática, biblioteca, consultório dentário, pátio e parquinho cobertos, secretaria, sala dos professores, salas da coordenação e diretoria, almoxarifado, vestiário dos funcionários, depósito, cozinha, refeitório. Penso que a sala de Artes existiu no projeto arquitetônico; mas como não há professores efetivos graduados em Artes na escola, esse espaço se transformou em depósito. Nesse recinto, há uma pia, algo que poderia ser entendido como um indício dessa troca de funções do espaço.

Por ser uma escola construída verticalmente e com rampas no seu interior, expor qualquer trabalho dos alunos no pátio, onde se tem visibilidade maior, é complicado; pois a água da chuva escorre por entre as arestas. Nos eventos em sábados letivos, os trabalhos executados pelas professoras de todas as turmas são expostos e retirados no mesmo dia, permanecendo aqueles que se encontram em áreas protegidas. Costumo realizar as intervenções no refeitório, assim os trabalhos podem ser apreciados por mais tempo, algo que considero importantíssimo.

Na cidade de Matias Barbosa, não há muitos projetos culturais e/ou esportivos direcionados à população. Sabemos que os jovens com tempo ocioso tendem a trilhar



precocemente caminhos degradantes fazendo uso abusivo de substância psicoativas, álcool e, conseqüentemente, se envolvendo em atos violentos. Nas turmas da EJA em que leciono, existem jovens nessa situação, que retornam aos estudos; mas, em sua maioria, não finaliza ou não progride no curso.

Nesse contexto, a disciplina de Artes é ministrada pelas professoras regentes do ensino infantil até o quarto ano do Ensino Fundamental I. No quinto ano, o ensino da Arte acontece na disciplina de História por seu respectivo professor.

No sexto ano do Ensino Fundamental II e na EJA, a aula é dada por um professor graduado, uma vez na semana, com duração de cinquenta minutos. Percebe-se nos alunos pré-adolescentes um *déficit* de criatividade, de percepção e de entendimento que seja arte; situação essa que se repete entre os alunos da EJA. Essa condição, inicialmente detectada, está contemplada no Plano de Curso de Arte a partir de ações pedagógicas que visam o preenchimento dessa lacuna.

Na EJA, em alguns momentos, costumo fazer parcerias com a professora de Português visando a produção de trabalhos interdisciplinares. No ano passado, os trabalhos produzidos foram expostos nos eventos abertos à comunidade, conseguimos alcançar resultados que surpreenderam a coordenação e direção; pois a maioria dos alunos da noite não eram vistos pela escola, não existiam projetos com a participação da EJA, infelizmente.

## **CAMPO DE ESTUDO**

O campo de trabalho será delimitado a três grupos de estudantes da EJA: uma turma de sexto, uma de sétimo e uma de oitavo anos. O grupo do sexto ano é composto por vinte e nove alunos, sendo quinze frequentes, na disciplina de Arte, com um número expressivo de adultos entre quarenta e cinquenta anos. O grupo do sétimo ano é formado por jovens entre dezesseis a vinte e quatro anos, sendo que entre eles há uma aluna nos seus quarenta anos, formando um total de quatorze alunos. Na turma do oitavo ano, há dezoito alunos, sendo que apenas oito alunos são presentes nas aulas. A média de idade dessa turma é de vinte anos, com três alunas na faixa de quarenta e cinquenta anos.

Sendo assim, no decorrer das aulas percebeu-se que o primeiro grupo é composto por alunos mais receptivos aos novos conhecimentos. Notou-se o interesse e o comprometimento desses estudantes, assim como as práticas despertam neles a curiosidade sobre os assuntos tratados. Conforme já observado, nessa turma o número de alunos adultos é significativo (entre

trinta a cinquenta anos). Já no segundo grupo, integrado por jovens entre dezesseis e vinte quatro anos, que por algum motivo não concluíram o ensino regular, o envolvimento no processo de aprendizagem e na aquisição de conhecimento é quase nulo. São alunos indisciplinados, desinteressados e agitados. Os estudantes do terceiro grupo ainda estão desenvolvendo o amadurecimento, sendo o interesse pelas aulas instável; pois o objetivo maior é finalizar o Ensino Médio sem, contudo, focar no conhecimento.

## **DESENVOLVIMENTO DAS AULAS**

Conforme afirmado anteriormente, o planejamento das aulas foi pensado a partir do artigo “Costuras Estéticas: o cotidiano no ensino da Arte”. Meu trabalho foi o de fazer a adaptação do princípio apresentado no texto ao contexto escolar dos alunos da EJA, atentando à exploração das particularidades de cada turma, em uma aprendizagem centrada nas possibilidades dos mesmos.

Na aula inicial, foram apresentados alguns vídeos aos alunos sobre a abrangência da potencialidade dos trabalhos manuais encontrados em vários segmentos da arte e as mensagens implícitas em cada processo criativo. Para tanto, usou-se como exemplo imagens com obras artísticas que instigam a reflexão, com a Alta-Costura e sobre o trabalho de inclusão social conforme descritos abaixo:

- Mônica Nador - Artista plástica que promove a arte como meio de inclusão de pessoas e também uma forma de levar a delicadeza para a convivência interpessoal.

Vídeo: “Mônica Nador - Autoria Compartilhada”<sup>5</sup>.

- Karl Lagerfeld - Designer de moda alemão, revolucionário no mundo da moda foi Diretor criativo da Chanel até sua morte em 2019. O processo criativo na Alta – Costura é minucioso, sensível e com atenção nas particularidades.

Vídeo: “Chanel - Os detalhes da alta-costura”<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xD41kCtxihY>>

<sup>6</sup> Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=T28X8YLCFTs>>

- Rosana Paulino - artista plástica, pesquisadora e educadora. Em seu trabalho, a artista reflete sobre temas como memória, vivências, representatividade, questões raciais. Suas obras estimulam o público a pensar sobre a relação entre os objetos, as possíveis conexões entre eles e as próprias experiências do espectador.

Vídeo: “A Costura da Memória”<sup>7</sup>.

Nessa etapa, o primeiro e o terceiro grupos assistiram aos vídeos com atenção, estiveram aguçados para a percepção dos detalhes das imagens apresentadas. Eles se surpreenderam com o protagonismo da arte e os resultados obtidos a partir dela: uma artista que utiliza a produção artística como instrumento social e transformador, a arte como influenciadora de modismos e a arte crítica, que expõe as mazelas da sociedade.

O segundo grupo não alcançou a mesma percepção do primeiro. O vídeo da Chanel transcorre pelo percurso criativo de um produto de luxo para um mercado restrito, acessível a poucos. O luxo de Lagerfeld é minucioso nos detalhes. No vídeo, percebemos isso principalmente no foco nas mãos das bordadeiras que manuseiam peças delicadas, a precisão nos acabamentos, o refinamento e originalidade do produto final. O vídeo da Chanel se contrapõe ao de Rosana Paulino, em que a delicadeza dos bordados contrasta com a violência, o preconceito e as desigualdades sociais vivenciados no universo negro e feminino dentro da sociedade e expostos nos trabalhos da artista. No vídeo “Os detalhes da Alta-Costura” a delicadeza no manuseio das peças remete a um tipo de carinho, sutileza, sensibilidade pouco encontrados nos meios familiares dos discentes, além de retratar um mundo que pensam ser inacessível. Talvez por isso, alguns desdenharam as imagens. Já no vídeo “A Costura da Memória” ficou evidente que os alunos não estão habituados em expor em palavras o que veem ou sentem; contudo, pela reação deles, infere-se que as imagens os fizeram repensar a própria história e refletir sobre o futuro. O vídeo de Mônica Nador foi acompanhado de uma breve explanação sobre o projeto JAMAC<sup>8</sup>, para melhor compreensão das imagens apresentadas.

---

<sup>7</sup> Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=27EOpiAWy1o>>

<sup>8</sup> O Projeto JAMAC - Jardim Miriam Arte Clube é uma associação sem fins lucrativos formada por artistas e moradores do bairro Jardim Miriam, zona sul de São Paulo. Fundado por Mônica Nador em 2004, promove a inclusão de jovens e adultos na produção artística.



Fig. 01 - Apresentação dos vídeos na Biblioteca  
Fonte: Arquivo pessoal

Na segunda aula, os alunos receberam um texto que aborda a cultura visual e a relação entre artesão e artista. A síntese foi elaborada com base nos textos das autoras Leda Guimarães e Marilda Oliveira de Oliveira, que discorrem sobre a cultura visual e as características contrárias e comuns dos artesãos e artistas na realização do trabalho artístico. Após a leitura, os estudantes foram estimulados a dialogar com as ideias das autoras, expondo suas experiências, suas opiniões, esclarecendo dúvidas. Observou-se que o primeiro grupo se manifestou com mais intensidade que o segundo e o terceiro.

Para as aulas seguintes foi solicitado um “garimpo domiciliar” de peças artesanais, poemas, receitas; enfim, lembranças afetivas guardadas por familiares que, em muitos casos, não são reconhecidos ou imbuídos de sua devida importância por parte dos alunos, principalmente os mais jovens. Além da escolha das peças, foi também requisitada uma pesquisa sobre o espaço - tempo relacionado aos objetos.

Enquanto discorria o prazo para seleção dos objetos e a pesquisa, iniciou-se a preparação para intervenção artística no espaço escolar. Conforme já destacado, na escola não há sala de Arte. Quando há aulas que envolvem o “fazer artístico”, é autorizado pela direção da escola o uso de uma sala de aula que se situa próxima ao “escovódromo”, local onde se realiza a higienização dental das crianças do maternal, composto de pia e torneira. Então, a sala é adaptada para outra finalidade, agrupando as carteiras de forma que comportem de seis a oito alunos e cobrindo-as com plástico. Após a última aula, todos os recursos pedagógicos utilizados devem retornar aos seus devidos lugares, bem como a sala, uns cinco minutos antes do término da última aula, também deve retornar às origens com a ajuda dos alunos.

É evidente a importância do “aprender fazendo” para o processo de conhecimento e desenvolvimento artístico, sendo nesse momento o professor um mediador para provocar desafios que não ocorreriam espontaneamente.

Nesse sentido, Duarte Junior (2012, p.364) destaca que “[...] aprende-se a ter experiências estéticas frente à arte [...], não a partir [...] da história da arte, mas sim no modo sensível, vivencial, tendo-se contínuo contato com ela”.

Sendo assim, a proposta da atividade prática era liberar a criatividade e experimentar as várias formas de manusear a esponja e a tinta obtendo inúmeros efeitos visuais em um pedaço de tecido para as turmas do sexto e oitavo anos, como nas estamparias criadas por Mônica Nador. Reunidos em grupos, os alunos entraram no universo do “fazer artístico”. Durante a produção, todos participaram e interagiram trocando elogios, observações e opinando sobre o trabalho do outro.



Fig. 02 - Produção artística - Estamparia  
Fonte: Arquivo pessoal



Fig. 03 - Produção artística - Estamparia  
Fonte: Arquivo pessoal



Fig. 04 - Resultados do processo de estamparia  
Fonte: Arquivo pessoal

Para o grupo do sétimo ano, foi proposta como aula prática uma intervenção artística com linhas nas grades da escada que leva para os andares superiores. A intervenção inspirada nos trabalhos de Sheila Hicks – artista norte-americana que utiliza fios e tecidos como parte

de sua construção visual e poética. Em minha percepção, inicialmente, essa proposta não obteve um resultado satisfatório. A necessidade de seguir um diagrama foi um dos entraves do trabalho; uns, por não entender o princípio da proposta e, outros, por não querer seguir regra alguma, inclusive não aceitando a grade indicada para ser trabalhada. Dessa forma, a produção final ficou sem estética. Deduz-se que houve um erro de planejamento; pois, partiu-se para a atividade macro, sem embasamento em experimentações numa escala menor. A falta de um espaço adequado à produção artística restringe as práticas artísticas e impede resultados de excelência.

Entretanto, a intervenção na grade não foi de tudo em vão. Por se tratar de uma produção fora de sala, a coordenação da escola estranhou o envolvimento dos alunos e a disciplina, principalmente naquilo o que tange ao respeito entre os estudantes e até mesmo as brincadeiras, situação que normalmente não ocorre em sala, nessa turma. Observou-se também que essa tentativa de intervenção gerou nos educandos um sentimento de identidade e pertencimento à escola e apontou para a importância da participação ativa dos alunos da EJA no ambiente escolar.



Fig. 05 e 06 - Intervenção nas grades da escada  
Fonte: Arquivo pessoal



Fig. 07 - Produção com os pontos do diagrama      Fig.08 – Produção com os pontos fora do diagrama  
 Fonte: Arquivo pessoal

A apresentação do objeto de pesquisa foi na penúltima aula realizada separadamente por turma. Os alunos se posicionaram em círculo para uma roda de conversa. Esse instrumento metodológico abre espaços de diálogos e interações ampliando as percepções de si mesmos e sobre o outro, quando o estudante ganha vez e voz. É preciso observar que nem todos os alunos realizaram a pesquisa. No sexto ano, a conversa evoluiu bem apesar dos seguintes contratempos: haviam nove alunos, número menor que de costume, cinco estudantes se recusaram a integrar a roda. Esse desinteresse nas atividades escolares, a aparente apatia ou até a agressividade do aluno, são situações muito comuns nas aulas da EJA. Percebo que no pensamento deles é como se estivessem perdendo tempo na escola. Retornando a nossa roda de conversa, a aluna Laura nos trouxe fotos da trajetória de seu avô, hoje com 101 anos. Por meio delas “viajamos” até Petrópolis, mais precisamente ao Museu Imperial onde ele morou e trabalhou por 35 anos. Aprendemos que o Museu já foi uma escola e Laura relatou histórias de atividades paranormais que seu avô diz ter presenciado. Outra aluna, Carla, possui uma antiga máquina de moer café em casa. Seu relato remeteu às fazendas de café onde trabalhou muito nova na colheita dos grãos e acabou ficando muito doente; pois, se alimentava somente de mingau com açúcar, diariamente. Outra aluna, Paula, que viveu próxima a uma fazenda de café e também trabalhou um tempo na colheita guarda em casa esse mesmo utensílio. A partir desses relatos surgiu o da aluna Diana que se lembrou das histórias contadas por uma tia que viveu também em uma fazenda de café. Um desses relatos tratava dos lamentos e barulhos de correntes vindos do lugar onde ficava a senzala e eram ouvidos à noite.

Indaguei ao restante dos alunos sobre objetos que talvez tenham guardados como lembranças de algum momento passado ou de pessoas queridas ao que me responderam assim: “Na minha casa não existe nenhum objeto antigo” ou “Talvez minha avó tenha algo”. Em seguida, foi pedido que escrevessem sobre o tecido pintado por eles os sentimentos que as narrativas despertaram.



Fig. 09 - Roda de conversa, sexto ano - Fonte: Arquivo Pessoal



Fig. 10 -11 - 12

<sup>9</sup> Escritas de si

Fonte: Arquivo Pessoal

A roda de conversa na turma do sétimo ano foi reveladora. Como já foi comentado no grupo, há alunos muito jovens e inquietos, levou um tempinho para eles interagirem; contudo, observei um bom resultado.

A primeira a se manifestar foi Sandra, aluna mais velha, já com filhos adultos e uma história de vida muito rica. Ela começou a trabalhar aos nove anos. Ajudava na confecção de bolas de futebol em couro, produzidas manualmente na fábrica do tio, em Tiradentes. Quando jovem, exerceu a profissão de artesã no manuseio do estanho numa produção familiar, também em Tiradentes. Sandra nos deu uma aula que abrangeu a maneira de produzir

<sup>9</sup> Fig. 10 - “Meu avô, é o orgulho da nossa família, hoje com 101 anos”- Laura

Fig. 11 - “Dificuldades de infância” – Carla

Fig. 12 - “A infância, as raízes, as memórias agradáveis do passado, o aroma” - Paula



artesanamente peças de estanho, os instrumentos utilizados, especificações do nobre material, com direito a detalhamento no quadro branco. Em seguida, passou a descrever sua vida no sítio onde morava com a mãe e a avó. A alimentação diária era suprida pela produção do próprio sítio, inclusive o arroz e o feijão. Partimos então para uma aula de gastronomia e ervas medicinais. Simone ensinou a fazer chouriço, carne de porco na banha e a cura de alguns males por meio de chás e hortaliças. Aqueles alunos agitados se aquietaram para escutar os relatos surpreendentes. Sandra também nos mostrou fotos de lindas peças decorativas em ferro, produzidas artesanalmente por seu filho, em Tiradentes, e encomendadas por lojistas de diversos pontos de Minas Gerais. Nesse momento, outro aluno, Fabrício, então nos disse que sendo assim, ele também produz peças artesanais pois trabalha na marmoraria de propriedade do tio e durante a aula descobriu que na família existe um artista: seu tio que esculpiu em mármore uma cabeça de cavalo, além de uma flor. Pedi para que ele fotografasse as peças para nos mostrar na próxima aula.

Os outros alunos não se manifestaram em relação aos trabalhos manuais, lembranças afetivas; contudo, estavam atentos aos relatos.



Fig. 13 e 14 - Sandra explanando sobre suas produções artesanais e expressando sentimentos

Fonte: Arquivo pessoal

Por fim, no oitavo ano, também formamos o círculo e iniciamos a conversa. Ivone trouxe uma toalha bordada à mão por sua mãe, um tipo de técnica de bordado chamada de ponto cheio com acabamento em crochê confeccionada para enxoval nupcial de sua mãe, hábito muito comum entre as jovens senhoritas antigamente, algo que causou estranheza entre os mais jovens. Carlos trouxe uma das várias moedas que seu avô colecionava chamada popularmente de “Mocinha”, uma moeda de prata, datada de 1921, o valor de dois mil réis entre os ramos de café e tabaco impressos em um dos lados e no outro a Efégie da República. Carlos nos apresentou a

numismática, ciência que estuda as peças monetárias, pois as moedas são documentos históricos e podem fornecer dados sobre o povo que as cunhou. Os alunos se interessaram mesmo foi quando souberam que o hobby de colecionar moedas antigas pode se tornar um investimento financeiro, a “Mocinha” vale atualmente de vinte e cinco a trinta e cinco reais. Hilda trouxe a foto do quadro de São Charbel Makhlef que está na família libanesa do marido há alguns anos e nos contou a história de origem libanesa do monge e eremita e abordamos um pouco a cultura libanesa. Bruno, um aluno geralmente quieto, nos contou da tradição italiana de esmagar as uvas com os pés para a fabricação de vinhos, técnica utilizada por seus bisavôs de origem italiana. Todas essas histórias gerou o chamado “perturbamento familiar” em Lucia, descendente de italianos, ela ficou incomodada de não conhecer suas origens, a aula despertou nela a curiosidade em descobri-las. Maura tem uma receita de família originalmente italiana, mas esqueceu de trazer. Nessa turma, o tempo é menor por ser a última aula da grade disciplinar; por isso, a roda de conversa ficou um pouco prejudicada.



Fig. 15 - Roda de conversa – 8º ano Fig. 16 – Hilda e sua toalha bordada

Fonte: Arquivo pessoal

## INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

Essa intervenção artística é a síntese de todo o processo pedagógico e artístico desenvolvido nas três turmas da EJA realizada uma vez por semana em cada, totalizando assim cinco aulas. Nas aulas de arte, percebo que a ausência de conhecimento e práticas em arte faz com que o aluno não compreenda o planejamento de uma produção artística. Quando todas as peças se encaixam e se transformam numa apresentação imagética, os estudantes normalmente se surpreendem com o resultado obtido a partir de suas ações artísticas. Alguns relatos foram digitalizados e outros formatados em imagens sobrepostas e pendurados como um retrato de família tendo como suporte o tecido estampado.

A instalação ficou exposta na grade de entrada para as salas de direção, coordenação e secretaria.



Fig. 17 e Fig. 18-<sup>10</sup> Intervenção artística no espaço escolar  
Fonte: Arquivo pessoal

<sup>10</sup> Fig. 17 - Colcha de memórias – tecido estampado pelos alunos com frases, relatos e imagens de objetos que guardam memórias afetivas.

Fig 18 - Texto que relata as lembranças da aluna Sandra.

Os alunos se surpreenderam com as estampas unidas em uma só peça, admirados com o efeito das múltiplas cores e formas pintadas por eles. Sandra se interessou em guardar o seu relato digitalizado.



Fig.- 19 - A aluna Laura e seu avô

Fig.- 20 - A aluna Hilda e sua toalha bordada.

Fonte: Arquivo pessoal

Carlos ficou muito contente quando leu sobre sua moeda antiga e ele sendo conhecido como um colecionador interessado nos investimentos em peças valiosas. A coordenação e a direção elogiaram a iniciativa; mas, conhecer as histórias contadas por alunos da EJA ainda soa muito tímida nos âmbitos escolares, pouquíssimos professores falaram sobre a intervenção artística.

## CONCLUSÃO

As sequências de atividades giraram em torno da sensibilização para a apreciação, da valorização, das leituras estéticas do mundo, da expressividade do “fazer artístico“, dos múltiplos códigos expressos por meio das produções artísticas, do espaço de conversação até chegar ao reconhecimento de suas heranças culturais como referência de quem são, foi um processo desafiador, revelador e acolhedor. Nesse curto período de compartilhamento de saberes, tivemos desistência escolar e muitos alunos faltosos. Além dessas ocorrências, poucos alunos tiveram o comprometimento de “garimpar” os objetos familiares. Alguns alunos mais jovens foram displicentes ao pesquisar os objetos no seu meio familiar, apresentaram dificuldades em entender o significado da estética no cotidiano e nas aulas participativas foi observado uma certa resistência em interagir e dificuldade em expor as próprias vivências estéticas. Ocorreu, nesses alunos, um “estranhamento” perante a forma dinâmica e interativa das aulas. Já no caso dos alunos adultos, a participação foi intensa e rica de conhecimento.

Os jovens vivem o momento atual, sem se importar em preservar as próprias lembranças e menos ainda as memórias familiares. Sabemos que uma parte desses jovens são oriundos de famílias desestruturadas, sem acesso às histórias contadas pelos antigos. Minha orientadora me alertou para o imediatismo surgido na contemporaneidade das mídias digitais; realmente, no cotidiano dos jovens, não há espaço para armazenar o passado, momentos para apreciar o presente e tempo para planejar o futuro. Como já relatado no início dessa proposta, a EJA é uma das modalidades de ensino mais desafiadora na área da educação e que requer dedicação, amor pelo exercício da docência e paciência.

Mas mesmo com tantos percalços comuns à EJA, a intervenção artística agregou valor à representação imagética do desenvolvimento da pesquisa e do processo criativo em sala de aula, provocando nos alunos/artistas um sentimento de identidade, de ser visto e participativo no âmbito escolar.

Interessante ressaltar o estreitamento da relação dos alunos comigo, mesmo daqueles alunos não tão participativos após o processo pedagógico da metodologia do sensível. Observei uma melhora no respeito às aulas e uma abertura maior ao diálogo. Dessa forma, conclui-se que: quando o ensino é norteado pelo sensível, abrem-se espaços para que os

jovens e adultos mostrem seu potencial criativo, saberes e vivências estéticas, além de estreitar o contato entre o professor mediador e o aluno.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Carla. **Entrevista João Francisco Duarte Junior**. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 12, n. 3, p. 362-367 / set.-dez. 2012. Disponível em:

<<https://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/4039/2387>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Papyrus, 2008 Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books/about/Fundamentos\\_estéticos\\_da\\_educacão.html?id=8aMGeB0v0ZcC&printsec=frontcover&source=kp\\_read\\_button&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f](https://books.google.com.br/books/about/Fundamentos_estéticos_da_educacão.html?id=8aMGeB0v0ZcC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f)>. Acesso em: 16 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Editora Criar, 2010.

GUIMARÃES, Leda. **Narrativas Visuais: Ferramentas estéticas /investigativas na experiência docente**: Educação & Linguagem, v.13, n.22, p. 32-53, julho/dez. 2010.

OLIVEIRA, Elza Aparecida; FREITAS, Aline Amaral de; BAZZO, Andréia Regina. **Costuras Estéticas: o cotidiano no ensino da Arte**. Vale do Itajaí: UNIVALI, 2015.

OLIVEIRA Marilda de Oliveira. **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: UfSM, 2015.